

EURÍPIDES

Ifigênia em Táurida

Tradução de Jaa Torrano¹
segundo texto de J. Diggle.

As personagens do drama:

Ifigênia.

Orestes.

Pílades.

Coro de cativas gregas.

Boiadeiro.

Toas.

Mensageiro.

Atena.

PRÓLOGO 1-125

IFIGÊNIA:

Pélops Tantálida foi a Pisa com éguas
velozes e desposa a filha de Enômao,
dela floriu Atreu e de Atreu os filhos
Menelau e Agamêmnon, e deste nasci
eu, Ifigênia, a filha da filha de Tindáreo, 5
que perto dos vórtices que Euripo vário

revolve com vento forte no mar escuro
o pai ao que parece imolou a Ártemis
por Helena no ínclito vale de Áulida.
Aí mesmo o rei Agamêmnon reuniu 10

a expedição grega de dez mil navios,
querendo obter coroa de bela vitória
em Ílion com aqueus e punir núpcias
ultrajadas de Helena, grato a Menelau.
Na terrível calmaria sem lograr ventos 15
consultou a pira e Calcas lhe diz isto:

¹ Doutor em Letras Clássicas pela USP. Professor titular de Língua e Literatura Grega na USP.

“Ó soberano chefe do exército grego
 “Agamêmnon, não te zarparão do solo
 “antes que imoles a Ártemis tua filha
 “Ifigênia; prometeste à Deusa lucífera 20
 “sacrificar o mais belo produto do ano.
 “Tua esposa Clitemnestra em casa teve
 “a filha – referindo-se a mim o mais belo –
 “que deves sacrificar.” Odisseu com artes
 retirou-me da mãe para desposar Aquiles. 25
 E mísera fui a Áulida e erguida no alto
 acima da pira ia ser morta por espada,
 mas trocou-me por corça e subtraiu-me
 Ártemis aos aqueus, e por brilhante céu
 conduziu-me e instalou aqui em Táurida, 30
 terra em que entre bárbaros é rei bárbaro
 Toas, que fazendo veloz pé igual a asas
 teve esse nome graças aos velozes pés.
 Neste santuário me fez sacerdotisa;
 donde a Deusa Ártemis se compraz 35
 com suas leis festivas (belo só nome,
 o mais me calo por temor da Deusa);
 sacrificio, por ser a lei antiga na urbe,
 o varão grego que aporte nesta terra;
 consagro e cabe a outros a imolação 40
 nefanda dentro do recinto da Deusa.
 As visões novas que a Noite trouxe
 direi ao céu, caso seja isso remédio.
 Vi no sonho que afastada desta terra
 morava em Argos e dormia no meio 45
 do quarto, o dorso do solo se sacode,
 fugi e parada do lado de fora vi cair
 o friso da casa e todo o teto lançado
 em ruína ao solo desde altas pilastras.
 Um pilar restou, ao que me pareceu, 50
 da casa paterna, e dos capiteis soltou
 loira cabeleira e tomou voz humana,
 e honrando esta arte de matar hóspede,
 eu o aspergia, como a quem morreria,
 chorosa. Este sonho assim interpreto: 55

- está morto Orestes, quem consagrei.
 Pilares da casa são os filhos varões
 e morre quem teve lustrações minhas.
 Nem posso ligar o sonho a parentes;
 quando morri, Estrófió era sem filho. 60
 Agora ao irmão darei libações fúnebres
 de ausente a ausente, isso poderíamos,
 com as serventes, que o rei nos deu,
 mulheres gregas. Mas por que ainda
 não estão presentes? Entrarei dentro 65
 deste recinto da Deusa, onde resido.
- ORESTES:
 Vê, evita que haja mortal no caminho.
- PÍLADES:
 Vejo, vigio voltando os olhos a tudo.
- ORESTES:
 Pílates, parece-te o templo da Deusa,
 para onde partimos de Argos por mar? 70
- PÍLADES:
 Sim, Orestes. Devo concordar contigo.
- ORESTES:
 E o altar, donde goteja sangue grego?
- PÍLADES:
 De sangue, pois, os frisos estão fulvos.
- ORESTES:
 Vês sob os frisos espólios pendidos?
- PÍLADES:
 As primícias dos estrangeiros mortos. 75
 Mas devo bem vigiar girando os olhos.
- ORESTES:
 Ó Febo, a que cilada tu me conduziste
 com oráculo, ao punir a morte do pai
 matando a mãe? Sucedendo-se Erínies,
 fomos banidos, exilados, desterrados, 80
 e perfiz muitos percursos fatigantes;
 fui e perguntei a ti como teria o fim
 da loucura errante e dos males meus
 que padecia perambulando na Grécia;
 disseste-me ir à fronteira da Táurida, 85

- onde a tua irmã Ártemis tem altares,
 pegar a estátua da Deusa, que dizem
 ter caído do céu aqui neste santuário,
 e quando a pegasse por artes ou sorte,
 e corresse o risco, colocá-la em Atenas, 90
 as conseqüências além não foram ditas,
 e feito isso eu teria repouso dos males.
 Persuadido por tua palavra estou aqui
 nesta terra ignota inóspita e indago a ti,
 Pílares, pois tu me auxílias neste mal, 95
 que fazermos? Vês a cerca dos muros
 alta, entraremos escalando os degraus?
 Como nós passaríamos despercebidos?
 Ou soltando traves brônzeas de trancas
 que não conhecemos? Se nos pegarem 100
 abrindo portas na tentativa de entrar,
 morreremos. Antes que mortos, fuja
 no navio em que navegamos para cá.
- PÍLADES:
- Fugir não é tolerável nem nosso hábito,
 não se pode desonrar o oráculo divino. 105
 Afastados do templo, ocultemo-nos
 em gruta que negro mar banha úmida
 longe do templo, não se veja o barco
 nem denunciemos ao rei nem nos peguem.
 Quando vier o olho da Noite tenebrosa, 110
 devemos ousar tirar a estátua polida
 do templo recorrendo a todos os ardis.
 Vê dentro dos tríglifos onde o vazio
 deixa passagem; os bravos suportam
 as fadigas, os moles não são de nada. 115
 Não fizemos longo percurso a remo
 e destes confins partiremos de volta.
- ORESTES:
- Bem disseste, atendamos, devemos ir
 aonde ocultos passemos despercebidos.
 Não serei a causa de uma queda inútil 120
 do oráculo divino. É preciso ousadia.
 Nenhuma fadiga desculpa os jovens.

IFIGÊNIA:

Guardai silêncio,
ó habitantes das duas pedras
convergentes do Mar Inóspito! 125

[PÁRODO (126-235)]

CORO:

Ó filha de Leto
caçadora montesa
perante teu templo de belas
colunas com áureos frisos
levo o pio pé virgíneo 130

serva de pia guardiã, além
das torres gregas de belas éguas
e dos muros de hortos arborosos,
além de Europa, 135
sede da casa paterna.

Vim. Que é novo? Que te inquieta?
Por que me trouxeste, trouxeste ao templo,
ó filha de quem foi às torres troianas
com ínclito remo 140
de mil marujos de dez mil armas
de ínclitos Atridas.

IFIGÊNIA:

Iò, servas,
em que pranto de difícil pranto
estamos, com nênias sem lira 145
da dança de não boa Musa, *aiaí*,
em fúnebres lamúrias!

Ruínas, ruínas me vêm
quando choro meu irmão
por sua vida, que visão 150
de sonhos vi
à noite de pretéritas trevas!

Sucumbi, sucumbi,
não há casa paterna,
óimoi, a prole se foi! 155

Pheú, pheú, dores argivas!
 Iô, Nume,
 que me tiras o único irmão
 e envias a Hades! Verter-lhe-ei
 estas libações e a taça de mortos 160
 no dorso da terra,
 e as fontes de vacas montesas,
 e as libações víneas de Baco,
 e o fulvo lavor de abelhas, 165
 delícias vertidas a mortos.
 Mas dá-me áurea vasilha
 e libação de Hades.
 Ó Agamemnônida, envio-te 170
 sob a terra estes dons fúnebres,
 aceita-os, não levarei lágrimas
 à tua tumba nem loiro cabelo,
 removida para longe de tua 175
 e minha pátria, onde se crê
 que imolada jazo eu, a mísera.

CORO:

Cantos responsórios e clamor
 bárbaro de hinos asiáticos a ti, 180
 ó senhora, cantarei esta Musa
 mísera lastimosa dos mortos,
 hineia-a nas danças de Hades
 além de peãs. 185
Oímoi, que casa de Atridas!
Oímoi, perecem luz e cetro
 da casa paterna!
 O poder de prósperos reis
 argivos cabe a quem? 190
 Dor irrompe de dores
 nos giros das éguas aladas.
 O Sol mudou de sede
 a sacra vista do clarão.
 Outros tetos têm outras 195
 dores por áureo tosão,
 morte por morte, dor por dor.

Donde dos mortos anteriores
emerge punição de Tantálidas 200
em casa, o Nume por ti
sem pressa se apressa.

IFIGÊNIA:

Tenho, desde sempre,
Nume de difícil Nume,
desde a cintura da mãe
e da Noite, desde sempre 205
parteiras as Deusas Partes
impelem a dura educação. 207
No tálamo a filha de Leda 209
mísera broto primogênito 210
vítima de ultraje paterno
e de sacrifício não grato
gerou, criou a oferenda.
Em carros equinos levaram
às areias de Áulida a noiva 215
de noivado difícil, *óimoi*,
para o filho da Nereida, *aiaí!*
Hóspede de inóspito mar
habito agora inculta casa, inupta
sem filho nem pátria nem parente 220
a cortejada dos gregos, 208
sem cantar a Hera em Argos 221
nem nos teares de belas vozes
com naveta bordar imagens
de Palas Atena e Titãs, mas
cruenta no altar ruína sem lira 225
dos ensanguentados hóspedes,
e mísera voz dos lamuriosos
e mísero pranto dos chorosos.
Esquecendo-me deles agora
pranteio o irmão em Argos 230
morto, que deixei lactente
ainda bebê, ainda nenê, ainda novo
nos braços da mãe junto aos seios,
e dono de cetro em Argos, Orestes. 235

[PRIMEIRO EPISÓDIO (236-391)]

CORO:

Está vindo da borda do mar este
boiadeiro para te dizer que nova.

BOIADEIRO:

Filha de Agamêmnon e Clitemnestra,
ouve de mim uma nova comunicação.

IFIGÊNIA:

O que perturba a presente questão? 240

BOIADEIRO:

Vieram à terra, evitando com remo
as negras Simplégades, dois jovens,
imolação e sacrifício grato à Deusa
Ártemis. Lustração e consagração
logo tu poderias fazer apropriadas. 245

IFIGÊNIA:

Quem? Donde parecem vindos?

BOIADEIRO:

Gregos, sei só isso e nada mais.

IFIGÊNIA:

Ouviste e sabes dizer o nome?

BOIADEIRO:

Pílates, um chamava ao outro.

IFIGÊNIA:

Qual o nome do parceiro dele? 250

BOIADEIRO:

Isso não se sabe, não ouvimos.

IFIGÊNIA:

Onde os vistes e capturastes?

BOIADEIRO:

Na altas fragas do mar inóspito.

IFIGÊNIA:

Que faz um boiadeiro no mar?

BOIADEIRO:

Fomos lavar bois na orla salina. 255

IFIGÊNIA:

Retorna lá: como os capturastes
e de que modo, isso quero saber.

Estão vetustos, não se tingiu mais
de sangue grego o altar da Deusa.

BOIADEIRO:

Quando levamos os bois nutridos 260
ao mar que flui pelas Simplégades,
havia abrupta na forte rebentação
escarpa oca, teto de pescadores,
aí, um boiadeiro nosso avistou
dois jovens, e retrocedeu de volta 265
pisando rastros na ponta dos pés,
e disse: “Não vedes? Alguns Numes
moram aqui.” Um de nós reverente
ergueu a mão e fitando fez a prece:
“Ó filho naval de Leucótea pôntia, 270
“senhor Palémon, sê-nos propício,
“e se na orla morais vós, ó Dióscoros,
“ou estátuas de Nereu, que gerou
“nobre coro de cinquenta Nereidas.”
Outro, frívolo, ousado na insolência, 275
riu da prece, e disse que naufragos
moram na escarpa de medo da lei
cientes de sacrificarmos forasteiros.
Decidiu a maioria de nós aprovar
e caçar a vítima habitual da Deusa. 280
Nisso um dos dois deixou a pedra,
parou, sacudiu cabeça fremente,
e gemeu com tremor nas mãos,
louco solto, e grita qual caçador:
“Pílades, viste-a? Não vês que esta 285
“cadela de Hades quer me matar
“municipada com terríveis víboras?
“Ela ao redor sopra fogo e morte,
“e rema com asas, com minha mãe
“nos braços, como com pétreo peso. 290
“*Oímoi*, me matará! Onde fugir?”
Vultos não se viam, mas alternavam
mugidos de vitelos e uivos de cães,
tais quais dizem que Erinies imitam.
Nós reunidos como ante moribundo 295

ficamos em silêncio. Ele puxou faca,
 saltou como um leão sobre os vitelos,
 bate com ferro em flancos e costelas,
 crendo assim repelir Deusas Erinies
 de modo a florir sangrento o pélagos. 300
 Cada um, então, quando viu caírem
 reses devastadas, tomava suas armas,
 soprando conchas, reunindo nativos,
 pois contra jovens fortes forasteiros
 pensamos lutar nós, reles boiadeiros. 305
 Em não longo tempo somos muitos.
 Cai o forasteiro em ataque de loucura
 vertendo espuma no queixo. Vendo-o
 cair a jeito, todos nos empenhávamos
 em luta, em ataque. O outro forasteiro
 limpou a espuma e cuidava do corpo 310
 e cobria com espessa trama de manto,
 alerta à espreita de iminentes golpes,
 socorrendo seu amigo com solicitude.
 Lúcido, erguido da queda, o forasteiro
 reconhece iminente onda de inimigos 315
 e o seu presente próximo infortúnio
 lastimou. Nós não deixamos de lançar
 pedras, cercando cada um de um lado,
 quando ouvimos a terrível exortação: 320
 “Píldes, morreremos, que morramos
 “bem! Segue-me com a faca na mão!”
 Quando vimos dois punhais inimigos,
 em fuga percorremos as pétreas praias,
 mas, se um foge, outros em seu posto 325
 os golpeavam, e se os repeliam, outros
 que ora cediam atacavam com pedras.
 Mas era incrível: as miríades de mãos
 não logram atingir as vítimas da Deusa.
 A custo, pela audácia não dominamos, 330
 mas ao redor golpeando removemos
 punhais a pedradas, e caíram fatigados
 de joelhos por terra. E conduzimo-los
 ao rei desta terra, que tão logo os viu

enviou-te para as lustrações e imolação.	335
Ó jovem, pedias teres tais imolações de forasteiros. Se tu executares tais forasteiros, Grécia pagará tua morte, fazendo justiça à imolação em Áulida.	
CORO:	
Falaste de espantoso louco, que veio enfim da terra grega ao Mar Inóspito.	340
IFIGÊNIA:	
Que seja! – Vai e traz tu os forasteiros, aqui cuidaremos destas consagrações. Ó mísero coração, antes foste sereno e sempre compassivo com forasteiros,	345
derramando o pranto por compatriotas, quando tinhas às mãos varões gregos. Agora, que nos acerbamos por sonhos, crendo que Orestes não mais vê o sol, hostil me tereis, vindo quem vierdes.	350
Ora, percebi, amigas, era verdade isto, os de má sorte, estando mesmo mal, não querem bem outros de boa sorte. Mas nunca veio nem sopro de Zeus nem navio pelas pedras Simplégades	355
trazendo Helena, que me arruinou, e Menelau, para que eu retaliasse, contrapondo esta aqui àquela Áulida, onde Dânaos me fizeram de novilha e imolaram, meu pai foi o sacerdote.	360
<i>Oímoi</i> , aqueles males não esqueço! Quantas mãos dardejei ao queixo e joelhos do genitor, dependurada, dizendo assim: “Ó pai, faço por ti “casamento infame, e minha mãe	365
“e as argivas, enquanto me matas, “hineiam himeneus, e toda a casa “ressoa, e somos destruídas por ti. “Era Hades Aquiles, não o Pelida, “suposto esposo ao me conduzires	370
“de carro a núpcias cruéis por dolo.”	

Eu, podendo olhar por finos véus,
 não recebi nos braços meu irmão,
 que ora morreu, não beijou a irmã
 por pudor, quando ela cria que iria 375
 à casa de Peleu; e adiei os abraços
 muitos para meu retorno a Argos.
 Ó mísero, se estás morto, que bela
 emulação do pai perdeste, Orestes!
 Reprovo estes sofismas da Deusa, 380
 que, se algum mortal tange sangue
 ou toca parto ou morto com as mãos,
 exclui dos altares por supor impuro,
 mas gosta de sacrifícios homicidas.
 Não há como Leto, esposa de Zeus,
 gerar tanta inépcia. Eu, sim, julgo 385
 a festa de Tântalo com os Deuses
 incrível, gostar de comer criança,
 e creio que, por serem homicidas,
 os daqui referem a vileza à Deusa; 390
 suponho nenhum Nume ser mau.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (392-455)]

Negros, negros estreitos do mar EST. 1
 onde o estro que voa de Argos
 transpôs a onda inóspita 395
 ao mudar-se de Europa
 para a terra asiática.
 Quem veio, veio do Eurota
 de belas águas e juncos verdes
 ou da santa fonte de Dirce
 à terra sem-mescla, onde
 sangue mortal molha
 o altar da virgem divina 405
 e o colunário templo?

Com fragorosos remos de abeto ANT. 1
 navegaram por ondas marinhas
 em navio com auras nas velas 410

por ganância de opulência para enriquecer a casa? Esperança para males de mortais veio amiga insaciável aos homens	415
que portam o peso da riqueza erradios por mar e urbes bárbaras por opinião comum. Uns têm imenso afã de riqueza, mas a outros chega ao meio.	420
Como transpuseram as pedras colidentes e as bordas insones de Fineu	EST. 2
na orla do mar a correr no fragor de Anfitrite onde coros de virgens cinquenta Nereidas dançam em círculo, com auras nas velas	425
pandas, chiando à popa os lemes bem fluentes, com as auras austrais	430
ou os sopros de Zéfiro, para a terra auspiciosa, a alva praia, as belas corridas de Aquiles, por mar inóspito?	435
Pelas preces da senhora, que Helena filha de Leda por sorte venha da urbe troiana para envolver a cabeleira no orvalho sangrento da degola e morrer às mãos da senhora com pena equivalente!	ANT. 2
A mais doce notícia seria se da terra grega viesses o navegador	440
	445

com o fim de minha 450
 mísera servidão.
 Em sonhos estivesse eu
 em casa e na urbe pátria
 fruindo o prazer do sono,
 graça comum da riqueza! 455

[SEGUNDO EPISÓDIO (456-642)]

CORO:

Estes dois de mãos atadas
 vêm juntos, novo sacrifício
 à Deusa. Calai-vos, pares!
 As primícias dos gregos
 aproximam-se do templo, 460
 não fez falso anúncio
 aquele boiadeiro.
 Senhora, se esta urbe assim
 te faz grata, aceita as ofertas
 que a nós, gregos, 465
 a lei declara ilícitas.

IFIGÊNIA:

Seja!
 Devo primeiro cuidar que o da Deusa
 esteja bem. Soltai mãos de forasteiros
 que consagrados não tenham cadeias.
 Entrai no templo e fazei o necessário 470
 e usual nestas presentes circunstâncias.
Pheû!
 Ora, quem é a mãe a qual vos gerou,
 quem o pai, quem a irmã, se há irmã?
 De que moços a duplamente tolhida
 irmã será carente? Quem sabe a sorte 475
 qual será? Tudo o que vem dos Deuses
 segue invisível, e não se prevê o mal,
 pois a sorte seduz para a difícil lição.
 Donde viestes, ó míseros forasteiros?
 Por longo tempo navegastes a este solo, 480
 longo tempo longe de casa estareis sob!

ORESTES:

Por que choras e com os nossos futuros
males te afliges, quem sejas, ó mulher?
Não julgo sábio quem prestes a morrer
quer vencer com ais o medo da morte, 485

nem quem perto de Hades se lamenta
desesperado de salvação, porque faz
de um dois males e incorre em tolice
e igualmente morre. Necessária sorte.

Não nos pranteies, pois os sacrifícios
daqui nós bem sabemos e conhecemos. 490

IFIGÊNIA:

Ora, qual de vós aqui com o nome
Pílades se chama? Quero saber isso.

ORESTES:

Este, se isso assim te apraz saber.

IFIGÊNIA:

Cidadão nato de que pátria grega? 495

ORESTES:

Que terias, se soubesses, mulher?

IFIGÊNIA:

Sois dois irmãos de uma só mãe?

ORESTES:

Somos sócios, não irmãos, mulher.

IFIGÊNIA:

Que nome o teu pai genitor te pôs?

ORESTES:

Justo nome seria “O-de-má-sorte”. 500

IFIGÊNIA:

Não indago isso. Dá isso à sorte.

ORESTES:

Não rirão de nós, mortos sem nome.

IFIGÊNIA:

Por que o negas? Tens tanta soberba?

ORESTES:

Sacrificarás meu corpo, não o nome.

IFIGÊNIA:

Não me dirias nem qual é tua urbe? 505

ORESTES:

Não buscas lucro para futuro morto.

IFIGÊNIA:	
Que te impede de fazer este favor?	
ORESTES:	
Prezo ter a ínclita Argos por pátria.	
IFIGÊNIA:	
Deuses! És mesmo de lá, forasteiro?	
ORESTES:	
De Micenas, que outrora foi próspera.	510
IFIGÊNIA:	
Saudoso vieste, se vieste de Argos.	515
ORESTES:	
Não por mim. Se por ti, vê tu isso!	516
IFIGÊNIA:	
Banido saíste da pátria ou por quê?	511
ORESTES:	
Banido, sim, de mau e bom grado.	
IFIGÊNIA:	
Ora, que me dirias do que eu quero?	
ORESTES:	
Como acréscimo a meu infortúnio.	514
IFIGÊNIA:	
Talvez conheças a renomada Troia.	517
ORESTES:	
Não tivesse visto nem em sonho!	
IFIGÊNIA:	
Dizem ida de lança não mais viva.	
ORESTES:	
Pois é assim e não ouvistes em vão.	520
IFIGÊNIA:	
Helena retornou à casa de Menelau?	
ORESTES:	
Está lá, mal vinda a um dos meus.	
IFIGÊNIA:	
E onde está? Antes me devia um mal.	
ORESTES:	
Habita Esparta com o antigo esposo.	
IFIGÊNIA:	
Ó odiada dos gregos, não só de mim.	525
ORESTES:	
Fruí, sim, eu, algo de suas núpcias.	

IFIGÊNIA:

Retornaram os aqueus como se diz?

ORESTES:

Tudo resumido de uma vez me indagas.

IFIGÊNIA:

Antes de tua morte, quero colher isto.

ORESTES:

Pergunta, já que o queres! Eu direi.

530

IFIGÊNIA:

Calcas, o adivinho, voltou de Troia?

ORESTES:

Morreu, ao que diziam os micênios.

IFIGÊNIA:

Ó rainha, que bom! E o Laercíada?

ORESTES:

Ainda não retornou, mas vive, dizem.

IFIGÊNIA:

Morra, não retorne ele nunca à pátria!

535

ORESTES:

Não impregues, todos os dele sofrem.

IFIGÊNIA:

Ainda vive o filho da Nereida Tétis?

ORESTES:

Não. Convolou núpcias vãs em Áulida.

IFIGÊNIA:

Dolosas, como sabem os que sofreram.

ORESTES:

Quem és tu? Tão bem sabes da Grécia!

540

IFIGÊNIA:

Sou de lá, perdi-me quando ainda nova.

ORESTES:

Mulher, com razão queres saber de lá.

IFIGÊNIA:

E o estrategico que dizem ter bom Nume?

ORESTES:

Quem? Não sei qual dos de bom Nume.

IFIGÊNIA:

Atrida se dizia um certo rei Agamêmnon.

545

ORESTES:

Mulher, não sei, deixa tu desse assunto.

IFIGÊNIA:

Não, Deuses! Diz que praza, forasteiro!

ORESTES:

Está morto o mísero, morto por alguém.

IFIGÊNIA:

Está morto? Por quê? Mísera de mim!

ORESTES:

Por que o lamentas? Era teu parente? 550

IFIGÊNIA:

A opulência que outrora teve lamento.

ORESTES:

Que terrível morte imolado da mulher!

IFIGÊNIA:

Ó lastimáveis a matadora e o morto!

ORESTES:

Para aí! Não me pergunte nada mais!

IFIGÊNIA:

Só isto: se a esposa desse mísero vive. 555

ORESTES:

Não vive, o filho que ela teve a matou.

IFIGÊNIA:

Ó conturbada casa! Com que intenção?

ORESTES:

Punindo-a ele assim pela morte do pai.

IFIGÊNIA:

Pheû!

Tão bem com justiça executou o mal!

ORESTES:

Mas justo não teve a divina boa sorte. 560

IFIGÊNIA:

Agamêmnon deixa em casa outro filho?

ORESTES:

Deixou sua única filha Electra solteira.

IFIGÊNIA:

Diz-me, conta-se algo da filha imolada?

ORESTES:

Só se conta que a morta não vê a luz.

IFIGÊNIA:

Mísera, ela e o pai dela que a matou. 565

ORESTES:

Desgraçado morto graças à má mulher.

IFIGÊNIA:

O filho do falecido pai vive em Argos?

ORESTES:

Mísero vive em toda parte e nenhures.

IFIGÊNIA:

Salve, sonhos falsos! Ora, éreis nada!

ORESTES:

Nem os assim ditos sábios Numes
mentem menos que sonhos alados. 570

Há muita turvação entre os Deuses
e entre os mortais, mas só dói que
não néscio persuadido por adivinhos
morreu como morreu aos que sabem. 575

CORO:

Pheû! Pheû! E nós? Os nossos pais
vivem? Ou não vivem? Quem diria?

IFIGÊNIA:

Escutai vós, chegamos a uma palavra,
busquei vosso proveito, ó forasteiros,
e o meu. Máxime assim vem o bem,
se a todos satisfaz o mesmo resultado. 580

Irias a Argos, se eu te salvasse, e serias
meu mensageiro a meus amigos de lá,
portador de carta, que por dó de mim
um prisioneiro escreveu, por não crer
homicida a minha mão, mas que a lei 585

o mata, por ter a Deusa isso por justo?
Eu não tinha quem de volta a Argos
salvo fosse mensageiro e portador
de minha missiva a algum dos meus. 590

Tu, ao que parece, não és mal nato
e conheces Micenas e meus amigos,
sejas tu salvo lá, com paga não vil,
a salvação devida às leves letras.

Ele, porque a urbe assim obriga,
seja sacrificado à Deusa, sem ti. 595

ORESTES:

Bem disseste o mais, ó forasteira,
mas imolá-lo me seria muito grave.
O navegador sou eu na conjuntura,
ele viaja comigo por meus males. 600

Não é justo que eu com sua perda
tenha a graça e safe-me dos males.
Mas que seja assim: dá-lhe a carta;
envia-o a Argos, que te seja bem.

Quem quiser nos mate. É vilíssimo 605
quem traindo amigos no infortúnio
se salva, e este é por sorte amigo,
não quero que veja menos a luz.

IFIGÊNIA:

Ó nobre coração, tu és de origem
nobre e o amigo certo dos amigos! 610

De meus consanguíneos, tal fosse
o que resta, eu não sou sem irmão,
forasteiros, exceto por não o ver.

Já que assim queres, ele nos será
o portador da carta, e morrerás tu, 615
um grande zelo por ele te empolga.

ORESTES:

Quem me imolará e terá o terrível?

IFIGÊNIA:

Eu. Tenho da Deusa este encargo.

ORESTES:

Triste e não de bom Nume, jovem!

IFIGÊNIA:

Mas temos a coerção da obrigação. 620

ORESTES:

Tu, mulher, imolas varões na faca?

IFIGÊNIA:

Não, mas aspergirei em teu cabelo.

ORESTES:

Quem imola, se o devo perguntar?

IFIGÊNIA:

No templo há quem disso incumbido.

ORESTES:

Que tumba me terá quando morrer? 625

IFIGÊNIA:

Fogo sagrado e vasta fenda de pedra.

ORESTES:

Pheû!

Como a mão da irmã me sepultaria?

IFIGÊNIA:

Ó mísero, quem sejas, fizeste a prece
em vão, reside longe da terra bárbara.

Todavia, porque por sorte és argivo, 630
eu não omitirei uma graça possível.

Porei muito adorno em teu funeral,
extinguirei teu corpo em óleo loiro
e verterei o brilho haurido de flores
da fulva abelha montesa em tua pira. 635

Mas irei e trarei a carta do santuário
da Deusa. Não me tenhais inimizado.

Ó servos, guardai-os, sem as cadeias!
Talvez inesperada a um de meus caros
enviarei a quem eu mais amo em Argos 640
a carta, que anunciará incríveis alegrias
ao dizer que vive quem é tido por morto.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (643-656)]

CORO:

Choro por ti que és o cuidado 645
das sangrentas gotas lustrais. EST.

ORESTES:

Não choreis! Ó forasteiras, salve!

CORO:

A ti, que pela sorte venturosa 645
vais à pátria, nós te felicitamos. ANT.

PÍLADES:

Ingrato a amigos, morto o amigo. 650

CORO:

Ó tristes partidas! – *Pheû! Pheû!* – 655
Duas de destruir! – *Aia!* – EPODO

Qual dos dois há de ser?

Resta ainda dúbio dúplice espírito, 655
a ti ou a ti prantear antes com ais.

[TERCEIRO EPISÓDIO (657-1088)]

ORESTES:

Píladés, pensas – oh Deuses! – o mesmo?

PÍLADES:

Não sei, perguntas-me incapaz de dizer.

ORESTES:

Quem é a moça? Como na voz grega 660

nos perguntou das fadigas em Ílion,
do retorno dos aqueus, do sábio áuspice
Calcas, do nome de Aquiles, e como
chorou pobre Agamêmnon e indagou
da mulher e dos filhos! Esta forasteira 665
é uma argiva nata de lá ou não enviaria
carta jamais, nem se informaria assim
como se fosse comum o bem de Argos.

PÍLADES:

Tu o dizes por um triz antes de mim,
exceto que dos padecimentos do rei 670
sabem todos com quem se conversou.

No entanto tenho ainda outra palavra.

ORESTES:

Qual? Se a comunicas, saberias mais.

PÍLADES:

Avilta-nos vermos a luz, se tu morres.
Naveguei junto, devo morrer contigo.
Terei conquistado covardia e vilania
em Argos e no solo rugoso da Fócida
e parecerá à turba, pois a turba é má,
que eu te traí e em casa me salvei só,
ou que ainda o matei por turvo palácio 680
e urdi a tua morte por causa da realeza,
herdeiro por ser casado com tua irmã.

Disso eu tenho pavor e sinto vergonha.
Não há como não deva morrer contigo,
ser imolado junto e o corpo cremado, 685
por ter sido amigo e por temer desonra.

ORESTES:

Guarda silêncio! Devo suportar males,

se há uma só dor, não suportarei duas. O que tu dizes ser triste e oprobrioso cabe a mim, se por tua faina comigo eu te matar. Para mim, não está mal morrer com o que tenho dos Deuses. Tu és feliz e tens pura e não turvada a casa, tenho impiedade e infortúnio.	690
Se te salvasses e se de minha irmã, que te dei por esposa, tivesses filhos haveria o meu nome e a minha casa paterna não se apagaria sem filho. Vai! Vive e reside na casa paterna!	695
Já na Grécia e em Argos equestre, por esta mão destra conjuro-te isto: ergue meu túmulo e faz o memorial, dê a irmã prantos e mechas à tumba. Anuncia que ante o altar fui morto consagrado à morte por uma argiva.	700
Não repudies nunca a minha irmã, se vês vazia a aliança e casa pátria. Salve! Foste meu mais caro amigo, ó parceiro de caçadas e de criação, ó grande apoio nos graves males.	705
Febo, sendo adivinho, nos mentiu, com arte nos expulsou o mais longe da Grécia, pudico de anterior oráculo. Entreguei-me e persuadido por ele matei a mãe e por minha vez pereço.	710
PÍLADES: Terás funerais e não repudiaria leito de tua irmã, ó mísero, porque serei teu amigo na morte mais que na vida. Mas ainda não te destruiu o oráculo do Deus, ainda que perto da morte.	715
Mas há, há situação demasiado má que sofre grande mutação por sorte.	720
ORESTES: Silêncio! Não me servem as falas de Febo, esta mulher sai do templo.	

IFIGÊNIA:

Retirai-vos, e lá dentro preparai
com os que presidem à imolação. 725

Forasteiros, eis múltiplas dobras
da carta. O que, além disso, quero,
escutai! Não é o mesmo em males
e ao cair-se do pavor em ousadia. 730

Temo que, ao regressar deste solo,
não faça conta de minha missiva
quem for levar esta carta a Argos.

ORESTES:

Que queres, então? Que te falta?

IFIGÊNIA:

Jura-me que levarás estes escritos
a Argos, aos amigos a quem envio. 735

ORESTES:

Jurarás por tua vez do mesmo modo?

IFIGÊNIA:

Que farei ou não farei o quê? Diz!

ORESTES:

Que o deixarás ir vivo da terra bárbara.

IFIGÊNIA:

Dizes bem. Como seria mensageiro? 740

ORESTES:

Será que o rei concordará com isso?

IFIGÊNIA:

Sim,
persuadirei e farei que ele embarque.

ORESTES:

Jura! Inicia tu jura que seja reverente.

IFIGÊNIA:

Levarei, debes dizer, isto a teus amigos.

PÍLADES:

A teus amigos entregarei estes escritos. 745

IFIGÊNIA:

Também te salvarei das pedras negras.

PÍLADES:

Por qual dos Deuses tu juras esta jura?

IFIGÊNIA:

Ártemis, em cujo templo tenho honra.

PÍLADES:

Eu juro pelo rei do céu Zeus venerável!

IFIGÊNIA:

E se quebrares a jura e me fores injusto? 750

PÍLADES:

Não regresses! E tu, se não me salvares?

IFIGÊNIA:

Nunca possa viva pôr os pés em Argos!

PÍLADES:

Ouve, então, a palavra que omitimos!

IFIGÊNIA:

Mas se por bem, que já se comunique!

PÍLADES:

Faz-me a ressalva: se o navio sofrer
algo e a carta desaparecer nas ondas
com os haveres, e salvar eu só a vida,
este juramento não terá mais validade. 755

IFIGÊNIA:

Sabes que farei? Muitos têm muitos.

O que há escrito nas dobras da carta
te direi para anunciares tudo aos meus. 760

Se conservares em segurança a escrita,

ela dirá em silêncio o que está escrito.

Se estas letras desaparecerem no mar,

se salvares a vida, salvarás minha fala. 765

PÍLADES:

Bem falaste em favor de ti e de mim.

Diz-me a quem devo levar a mensagem
em Argos e o que ouvir de ti e dizer!

IFIGÊNIA:

Anuncia a Orestes, filho de Agamêmnon:

a imolada em Áulida faz saber o seguinte: 770

viva Ifigênia, mas aos de lá não viva ainda.

ORESTES:

Onde está ela? Morreu e de novo regressa?

IFIGÊNIA:

Esta que tu vês. Não me cortes a palavra!

Leva-me a Argos, irmão, antes da morte,

tira-me da terra bárbara e das imolações 775

à Deusa, onde me honra matar forasteiro.

ORESTES:

Pílades, que direi? Onde nos achamos?

IFIGÊNIA:

Ou precatória a tua casa me tornarei,
Orestes! Ouve outra vez o nome, sabe!

ORESTES:

Ó Deuses!

IFIGÊNIA:

Por que me clamas Deuses? 780

ORESTES:

Nada! Prosegue! Perambulei alhures.

IFIGÊNIA:

Talvez ao te inquirir consiga o incrível.
Diz-lhe que a Deusa me trocou por corça,
Ártemis me salvou, vítima de meu pai
na crença de ferir-me com aguda faca, 785
e instalou nesta terra. Eis a mensagem,
isso é o que está escrito aí nessa carta!

PÍLADES:

Ó prendendo-me com o juramento fácil,
o melhor juramento, em não muito tempo
eu confirmarei esse juramento que jurei. 790
Olha, trago-te esta carta que te entrego,
Orestes, vindo da parte desta tua irmã!

ORESTES:

Recebo. Deixando as dobras de letras
prefiro primeiro o prazer não verbal.
Ó minha caríssima irmã, surpreso, 795
cingindo-te com o braço incrédulo,
sinto o júbilo, ao saber do milagre!

IFIGÊNIA:

Forasteiro, sujas sem justiça a serva
da Deusa, abraçando véus intocáveis.

ORESTES:

Ó minha irmã e filha do mesmo pai 800
Agamêmnon, não me desconsideres
tendo o irmão sem crer tê-lo afinal!

IFIGÊNIA:

És tu o meu irmão? Não te calarás?
Argos e Náuplia estão cheias dele.

ORESTES:	
Não está lá, ó mísera, o teu irmão.	805
IFIGÊNIA:	
Mas a lacônia Tindárida te gerou?	
ORESTES:	
Sim, com o filho do filho de Pélops.	
IFIGÊNIA:	
Que dizes? Podes me provar isso?	
ORESTES:	
Posso. Pergunta algo da casa paterna.	
IFIGÊNIA:	
Não deves tu dizer e eu saber de ti?	810
ORESTES:	
Diria primeiro o que ouvi de Electra: conheces a rixa entre Atreu e Tieste?	
IFIGÊNIA:	
Ouvi: houve litígio por anho de ouro.	
ORESTES:	
Sabes que isso teceste em rico tecido?	
IFIGÊNIA:	
Ó caríssimo, alcanças o meu coração.	815
ORESTES:	
Figura no tecido a mudança do sol.	
IFIGÊNIA:	
Teci ainda essa forma no tecido fino.	
ORESTES:	
E banhos que a mãe te deu em Áulida?	
IFIGÊNIA:	
Sei, não me raptaram por boas núpcias.	
ORESTES:	
Sabes que deste as mechas à tua mãe?	820
IFIGÊNIA:	
Lembranças de meu corpo ao túmulo.	
ORESTES:	
O que eu mesmo vi, direi como prova. Na casa do pai Pélops, a antiga lança – com que ganhou a virgem de Pisa Hipodamia, quando matou Enômao – era ocultada em teu quarto de virgem.	825

[KOMMÓS (827-899)]

IFIGÊNIA:

Ó caríssimo, nada mais, pois caríssimo és,
tenho-te, Orestes, vindo da longínqua pátria
vindo de Argos, ó meu caro! 830

ORESTES:

E eu a ti, a que morreu, como se imagina.

IFIGÊNIA:

As lágrimas e gemidos de alegria
te umedecem os olhos e aos meus.
Este menino
deixei nos braços da nutriz, novo, 835
novo, em casa.

Ó boa sorte maior que a palavra, vida
minha, que dizer? Mais que admirável
e além das palavras assim aconteceu! 840

ORESTES:

Tenhamos boa sorte juntos no porvir!

IFIGÊNIA:

Tenho insólito prazer, ó amigas!
Temo que fuja de meus braços
em voo para o céu fulgente.
Ió, ciclópico lar! *Ió*, pátria 845
minha Micenas,
graça pela vida, graça pela criação,
tenho-te por me criares este irmão,
a luz da casa!

ORESTES:

Somos de boa sorte, mas por revés, 850
ó irmã, nossa vida foi de má sorte.

IFIGÊNIA:

Mísera soube, soube, quando o pai
mísero me pôs a espada no pescoço.

ORESTES:

Oímoi! Ausente imagino te ver lá! 855

IFIGÊNIA:

Sem himeneu, ó irmão, fui levada
à dolosa tenda nupcial de Aquiles.

Junto ao altar havia lágrimas e ais.	860
<i>Pheû pheû!</i> Quais lustrações! <i>Oímoi!</i>	
ORESTES:	
Choro a ousadia que o pai ousou.	
IFIGÊNIA:	
Tive sorte sem-pai, sem-pai,	
mas surgem umas de outras	865
por sorte de algum Nume.	867
ORESTES:	
Se matasses teu irmão, ó mísera!	866
IFIGÊNIA:	
Ó triste ousadia terrível, tive terrível,	
tive terrível, <i>oímoi</i> , irmão! Por pouco	870
escapaste a ilícita ruína, trespassado	
por minhas mãos!	
Qual o fim disto?	
Qual a sorte minha?	875
Por qual via, por qual inventada via	
te enviarei fora da urbe, fora da morte	
de volta à pátria argiva	
antes que a faca alcance teu sangue?	880
Isso, isso é teu dever	
inventar, ó mísera vida!	
Por terra, não de navio,	
mas no passo dos pés?	885
Terás perto a morte por tribos bárbaras	
e por vias impérvias, mas pelas negras	
pedras do passo estreito é longo trajeto	890
em fuga naval.	
Mísera! Mísera!	
Qual Deus ou mortal	895
ou qual fato inesperado	
com o passo do impasse	
mostrará aos dois Atridas	
sós a solução dos males?	
CORO:	
Entre milagres e além das palavras isto	900
eu mesma vi, não ouvi de mensageiros.	

PÍLADES:

Quando amigos vão à vista de amigos,
 é o esperado receber abraços, Orestes,
 mas é preciso que cessemos o pranto
 para com a ínclita visão da salvação 905
 tratarmos de sair desta terra bárbara.
 Pertence aos sábios não sair da sorte,
 colher a ocasião e ter outros prazeres.

ORESTES:

Tens razão. Creio que a sorte cuida
 disto conosco. Se o ânimo se adianta, 910
 parece que o divino tem mais força.

IFIGÊNIA:

Não me detenhas nem afastes a fala
 antes que eu saiba que sorte Electra
 teve na vida, ela sempre me será cara.

ORESTES:

Com este ela vive e tem bom Nume. 915

IFIGÊNIA:

De onde ele vem e de quem é filho?

ORESTES:

Estrófió da Fócida se diz o seu pai.

IFIGÊNIA:

Ele é filho da Atrida, meu parente?

ORESTES:

Primo teu, meu único amigo certo.

IFIGÊNIA:

Não vivia, quando o pai me matou. 920

ORESTES:

Não. Estrófió então não tinha filho.

IFIGÊNIA:

Salve, caro marido de minha irmã!

ORESTES:

E meu salvador, não apenas parente.

IFIGÊNIA:

Como ousaste ato terrível da mãe?

ORESTES:

Calemos isso, eu honrava meu pai. 925

IFIGÊNIA:

Ela por que causa matou o marido?

ORESTES:

Esquece a mãe, não te é bom ouvir.

IFIGÊNIA:

Calo-me. E Argos agora te admira?

ORESTES:

Menelau manda; estamos exilados.

IFIGÊNIA:

O tio usurpou a casa no distúrbio? 930

ORESTES:

Não, o medo de Erínies me banuiu. 931

IFIGÊNIA:

Sei, pela mãe as Deusas te banem. 934

ORESTES:

Enfiando na boca freio sangrento. 935

IFIGÊNIA:

Relatou-se teu delírio aqui na orla. 932

ORESTES:

Não agora primeiro me viram mal. 933

IFIGÊNIA:

Por que afinal vieste a esta terra? 936

ORESTES:

Instruído por oráculo de Febo vim.

IFIGÊNIA:

A fazer o quê? Podes dizer ou não?

ORESTES:

Direi. Foi-me o início de muitas dores.

Quando os males da mãe, que calamos, 940

vieram às mãos, nas caçadas de Erínies

exilamo-nos banidos, desde que Lóxias

pôs-me o passo a caminho de Atenas,

para fazer justiça às anônimas Deusas.

Há sagrada votação, que Zeus instituiu 945

um dia para Ares por poluência da mão.

Lá, primeiro, ninguém quis me receber,

considerando-me hediondo aos Deuses,

mas tiveram pudor, e ofereceram-me

hóspeda mesa a sós, sob o mesmo teto, 950

e em silêncio me fizeram sem palavra,

para ter pasto e bebida separado deles.

Preenchida a medida de Báquio, igual
 para todos, tinham prazer em sua taça.
 Não pretendia contestar os hospedeiros, 955
 mas sofria em silêncio e fingia ignorar,
 lastimando muito ser matador da mãe.
 Ouço entre atenienses minha má sorte
 ter-se tornado rito e ainda ser a norma
 o povo de Palas honrar a vertente taça. 960
 Quando cheguei à pedra de Ares, fui
 à justiça, tomei um dos dois assentos,
 e a que era antiga Erínis tomou o outro.
 Após falar e ouvir do sangue da mãe,
 Febo me salvou testemunhando, e Palas 965
 com a mão contou-me os votos iguais.
 Vencedor da sangrenta provação, parti.
 Persuadidas por justiça, as residentes
 decidiram ter o templo perto da pedra.
 Não persuadidas por lei, outras Erínies 970
 prontas sem pausa perseguiam-me sempre,
 até que fui de novo ao solo puro de Febo,
 e prostrado ante o ádito, jejuno de pasto,
 jurei que ali interromperia a vida, morto,
 se não me salvasse Febo, que me matou. 975
 Então, ressoando a voz do tripé de ouro,
 Febo me mandou aqui pegar a imagem
 caída do céu, e entronizá-la em Atenas.
 Cooperava conosco na salvação que nos
 demarcou. Se tivermos o ícone da Deusa, 980
 cessarei o delírio e num barco remeiro
 levar-te-ei para recolocar em Micenas.
 Vamos, ó querida, ó caríssima irmã,
 salva a casa paterna e a mim me salva,
 porque o meu e dos Pelópidas se perde 985
 se não tivermos celeste ícone da Deusa!

CORO:

Uma terrível ira de Numes ferve contra
 a semente de Tântalo e conduz a males.

IFIGÊNIA:

Antes que aqui viesses, tenho desejo

- de ir a Argos e contemplar-te, irmão. 990
 Quero, tal qual tu, livrar-te dos males
 e sem rancor algum a meu matador
 quero erguer a turvada casa paterna,
 pois afastaria a mão de tua imolação
 e salvaria a casa. Temo como passar 995
 despercebida à Deusa e ao soberano
 ao ver a base pétrea vazia da estátua.
 Como não morrer? Que posso dizer?
 Mas se acontecer algo assim e tiveres
 a estátua e em um navio de bela popa 1000
 conduzires-me, o risco se torna belo.
 Se eu me separo dela, estou perdida,
 mas tu terias a sorte de bom retorno.
 Nada recuso, nem se devo morrer,
 se te salvo. Morto, o varão da casa 1005
 faz muita falta, mas mulher é fraca.
- ORESTES:
 Eu não seria matador teu e da mãe,
 basta de sangue. Concorde contigo
 quero viver e morto ter sorte igual.
 Eu te levarei, se eu puder ir daqui 1010
 para casa, ou morto ficarei contigo.
 Ouve o siso, se isto fosse contrário
 a Ártemis, como Lóxias vaticinaria
 levar ícone da Deusa à urbe de Palas?
 Como me deixou vir ao templo vítima
 e ver teu rosto? Ao reunir tudo isso, [KOVACS]
 tenho esperança de obter o regresso. 1015
- IFIGÊNIA:
 Como poderíamos escapar à morte
 e ter o que queremos? Aqui se turva
 o retorno ao lar. Esta é a deliberação.
- ORESTES:
 Ora, será que poderíamos matar o rei? 1020
- IFIGÊNIA:
 Terrível é hóspede matar hospedeiro!
- ORESTES:
 Mas se nos salvar, devemos arriscar.

IFIGÊNIA:

Eu não poderia, mas aprovo o empenho.

ORESTES:

E se neste templo tu me ocultasses?

IFIGÊNIA:

Como nas trevas estaríamos salvos ? 1025

ORESTES:

A noite é furtiva, a luz é da verdade.

IFIGÊNIA:

No templo há guardas que nos verão.

ORESTES:

Oímoi, ruímos! Como nos salvaríamos?

IFIGÊNIA:

Creio que tenho uma nova invenção.

ORESTES:

Qual? Diz que pensas para eu saber! 1030

IFIGÊNIA:

Usarei os teus tormentos com mestria.

ORESTES:

Mulheres são hábeis em inventar artes.

IFIGÊNIA:

Direi que tu, matricida, vens de Argos.

ORESTES:

Usa de meus males, se te for lucrativo.

IFIGÊNIA:

Direi que é ilícito sacrificar-te à Deusa. 1035

ORESTES:

Por que motivo? Tenho uma suspeita.

IFIGÊNIA:

Não estás puro. Darei licitude à morte.

ORESTES:

E mais bem se leva a estátua da Deusa?

IFIGÊNIA:

Quererei purificar-te com água do mar.

ORESTES:

Ainda no templo o ícone por que viemos. 1040

IFIGÊNIA:

Direi que vou lavá-lo, porque o tocaste.

ORESTES:

Onde? Irás à úmida rebentação do mar?

IFIGÊNIA:

Onde teu navio fundeia com líneo freio.

ORESTES:

Tu levarás o ícone nas mãos, ou outrem?

IFIGÊNIA:

Eu, pois somente a mim é lícito tocá-lo. 1045e

ORESTES:

Onde colocaremos este Pílates na ação?

IFIGÊNIA:

Dirá que tem as mãos poluídas como tu.

ORESTES:

Agirás oculta ao rei ou sendo ele ciente?

IFIGÊNIA:

Por persuadir. Não me poderia ocultar. 1049

Deves cuidar que o restante esteja bem. 1051

ORESTES:

Sim, o remo do navio está disponível. 1050

Só quero que elas guardem sigilo disto. 1052

Mas prossegue e inventa as persuasivas
palavras! Mulher sabe como comover.

Tudo o mais talvez pudesse correr bem! 1055

IFIGÊNIA:

Ó caríssimas mulheres, eu vos vejo

e tenho em vossas mãos o bem estar

ou ser anulada e espoliada da pátria

e do caro irmão e da caríssima irmã!

Primeiro assim principie minha fala: 1060

somos mulheres, gente amiga mútua

e de manter seguro interesse comum.

Guardai silêncio conosco e cooperai

na fuga. Bela é a língua quando fiel.

Vedes três amigos com só uma sorte: 1065

ou retornar à terra pátria ou ser morto.

Na Grécia, para tu partilhares a sorte,

se salva, eu te salvarei. Eu te suplico

por tua destra, a ti, por tua face amiga,

a ti, por teus joelhos e os mais amigos 1070

da casa, a mãe, o pai e os filhos, se há.

Que dizeis? Quem condiz, quem não?

Pronunciai-vos! Se não aprovais isto,
estou perdida eu e meu mísero irmão!

CORO:

Coragem, minha senhora! Só te salva, 1075
que terás de mim o silêncio completo
que me pedes. Saiba o grande Zeus!

IFIGÊNIA:

Valham-vos as falas e bons Numes!
Já tua faina e tua é entrar no templo.
Logo o rei desta terra virá verificar 1080
se os forasteiros foram sacrificados.
Ó rainha, que me salvou das terríveis
mãos letais do pai no vale de Áulida,
salva-me agora e a eles! Ou por ti
Lóxias não mais a mortais diz verdade. 1085
Retira-te benévola desta terra bárbara
para Atenas, pois não convém morar
aqui, se podes ter a urbe de bom Nume.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (1089-1151)]

CORO:

Ó ave, que nas pétreas 1095 EST. 1
fragas do mar, Alcíone,
cantas chorosa elegia,
clara aos cõscios de louvares
sempre o marido ao cantares,
eu, áptera ave,
prantos te apresento 1095
saudosa da ágora dos gregos,
saudosa de Ártemis parteira
que habita o monte Cíntio
e da frondosa laurácea purpúrea
e do bem florido talo sagrado 1100
da glauca oliveira
cara a Leto em seu parto,
e da lagoa que rodopia água
redonda onde melodioso
o cisne cuida de Musas. 1105

Ó muitas fontes de lágrimas que pelas minhas faces caíram, quando, destruídas as torres, entrei em navio hostil com remos e lanças e em troca de muito ouro perfiz o bárbaro itinerário onde sirvo à jovem serva da Deusa que mata cervo, filha de Agamêmnon, e aos altares sem oferta de ovelha. Invejo os que sempre tiveram mau Nume, pois na coerção não se cansa da companhia. Mudar tem difícil Nume, estar pior após boa sorte faz árdua vida a mortais.	ANT. 1 1110 1115 1120
Rainha, ao lar te levará nave argiva de cinquenta remos. O caniço atado com cera de Pan montês silvando compelirá os remos. O adivinho Febo com a lira de sete tons cantando bem te levará à rica terra dos atenienses. Deixando-me aqui mesmo, irás com sonoros remos. Velas na proa tensas ao vento sobre a tropa abrirão o pé do navio de veloz transporte.	EST. 2 1125 1130 1135
Corresse eu o claro hipódromo onde corre o fogo de belo sol e cessasse de vibrar as asas de minhas costas sobre os aposentos da casa e estivesse nos coros onde	ANT. 2 1140

ainda virgem de núpcias notas
 rodopiando junto à mãe 1145
 as danças de coetâneas
 no concurso das graças
 na rixa da cabeleira rica
 erguendo mantos multicores, 1150
 lançando as tranças ao redor,
 sombreasse as faces!

[QUARTO EPISÓDIO (1153-1233)]

TOAS:

A mulher grega guardiã deste templo
 onde está? Já consagrou os forasteiros?
 No ádito santo brilham corpos ígneos? 1155

CORO:

Aí está ela que tudo te dirá claro, ó rei.

TOAS:

Éa!

Por que trazes da base imóvel nas mãos
 o ícone da Deusa, ó filha de Agamêmnon?

IFIGÊNIA:

Ó rei, detém o teu passo aí na entrada.

TOAS:

Ó Ifigênia, que novidade há no templo? 1160

IFIGÊNIA:

Cuspi, pois dou esta palavra à Licitude.

TOAS:

Por que esse proêmio novo? Diz claro!

IFIGÊNIA:

Prendestes as vítimas impuras, ó rei!

TOAS:

O que te mostrou isso? Ou tu opinas?

IFIGÊNIA:

O ícone da Deusa revirou-se da base. 1165

TOAS:

Por si só ou tremor de terra revirou?

IFIGÊNIA:

Por si só e fechou a vista dos olhos.

TOAS:

Por quê? Impureza dos forasteiros?

IFIGÊNIA:

Isso mesmo, terrível ato de ambos.

TOAS:

Mas matou algum bárbaro na orla?

1170

IFIGÊNIA:

Vieram ao cometer morte doméstica.

TOAS:

Qual? Caímos no desejo de saber.

IFIGÊNIA:

Mataram a mãe com espada ambos.

TOAS:

Ó Apolo, nenhum bárbaro ousaria!

IFIGÊNIA:

Expulsos banidos de toda a Grécia.

1175

TOAS:

Tu por isso trazes o ícone para fora?

IFIGÊNIA:

Santo sob o céu, para afastar sangue.

TOAS:

Como soubeste poluídos os forasteiros?

IFIGÊNIA:

Inquiri como se virou ícone da Deusa.

TOAS:

Sábia te fez a Grécia, pois viste bem.

1180

IFIGÊNIA:

Lançaram doce engodo a meu espírito.

TOAS:

Anunciam-te algo grato dos de Argos?

IFIGÊNIA:

Orestes meu único irmão tem boa sorte.

TOAS:

Para que os salves por doces anúncios?

IFIGÊNIA:

E meu pai está vivo e se encontra bem.

1185

TOAS:

Tu naturalmente propendeste à Deusa.

IFIGÊNIA:

Por ódio à Grécia toda, que me matou.

TOAS:

Dize-me que fazer com os forasteiros!

IFIGÊNIA:

É necessário venerar a lei estabelecida.

TOAS:

Não tens prontas lustrações e tua faca?

1190

IFIGÊNIA:

Quero antes lavar com sacra purificação.

TOAS:

Na água da fonte ou na água do mar?

IFIGÊNIA:

O mar lava todos os males dos homens.

TOAS:

Mais puros seriam eles para a Deusa.

IFIGÊNIA:

E assim meu ofício estaria mais bem.

1195

TOAS:

Então não cai a onda junto ao templo?

IFIGÊNIA:

Pede solidão, pois faremos outros ritos.

TOAS:

Vai aonde pedes, não amo ver segredo.

IFIGÊNIA:

Tenho que purificar o ícone da Deusa.

TOAS:

Se é que nódoa de matricídio o tocou.

1200

IFIGÊNIA:

Pois não o tiraria nunca do pedestal.

TOAS:

É justa essa veneração e providência.

IFIGÊNIA:

Sabes o que devo ter?

TOAS:

Cabe-te dizer.

IFIGÊNIA:

Algema os forasteiros.

TOAS:

Aonde fugiriam?

IFIGÊNIA:

Grego não tem fé.

TOAS:

Ide até-los, guardas!

1205

IFIGÊNIA:

Reconduze-os para cá!

TOAS:

Assim será!

IFIGÊNIA:

Ocultá-os com mantos!

TOAS:

Da luz do Sol!

IFIGÊNIA:

Dá-me tua escolta!

TOAS:

Eles te seguirão.

IFIGÊNIA:

Envia à urbe quem diga...

TOAS:

O quê?

IFIGÊNIA:

Fiquem todos em casa.

TOAS:

Não vejam morte. 1210

IFIGÊNIA:

Tais são abomináveis.

TOAS:

Vai e diz tu!

IFIGÊNIA:

Ninguém venha ver.

TOAS:

Bem cuidas da urbe.

IFIGÊNIA:

E dos que mais devo.

TOAS:

Disseste-o de mim.

IFIGÊNIA:

Sim.

TOAS:

Toda a urbe por certo te admira!

IFIGÊNIA:

Tu, ante o templo da Deusa...

TOAS:

Que farei? 1215

IFIGÊNIA:

Purifica-o com tocha.

TOAS:

Puro, ao voltares.

IFIGÊNIA:

Ao saírem os forasteiros...

TOAS:

O que fazer?

IFIGÊNIA:

Pôr o manto nos olhos.

TOAS:

Não seja poluído!

IFIGÊNIA:

Se parecer que tardo...

TOAS:

Até quando espero?

IFIGÊNIA:

Não admires.

TOAS:

Faz bons ritos com tempo. 1220

IFIGÊNIA:

Sejam puros, como quero!

TOAS:

Faço votos.

IFIGÊNIA:

Vejo que já saem do templo os forasteiros,
adornos da Deusa, tenras ovelhas para lavar
com sangue o sangue sujo, o brilho de tochas
e o mais para purificar forasteiros e Deusa. 1225

Digo aos cidadãos: afastem-se da poluência!
Tem mãos puras ante os Deuses, se for servo
do templo, ou for se casar, ou estiver grávida!
Evitai! Afastai-vos! Não caia aqui poluência!

Ó rainha virgem de Zeus e Leto, se eu lavar 1230
o sangue e fizer o necessário, terás casa pura
e teremos boa sorte. Sem falar mais, porém,
falo a ti e aos Deuses cientes do mais, Deusa!

[QUARTO ESTÁSIMO (1234-1269)]

Belo filho Leto gerou no frutífero vale délio, filho de áurea cabeleira, hábil na cítara, com arco brilha por boa mira. Leva-o a mãe, das fragas do mar, do ínclito local do parto, ao cimo de inegadas águas do Parnaso, onde bacante celebra Dioniso, onde vínea serpente de dorso vário tinha bosque frondoso em laurácea sombria, vasto portentoso da terra vigiava oráculo ctônio. Mataste-a, ainda novo, ainda nos braços maternos, buliçoso, ó Febo, e tens o templo divino, sentado no áureo tripé, trono sem mentira, dando vaticínios divinatórios a mortais, no ádito, perto da fonte Castália, no palácio do meio da terra.	EST. 1235 1240 1245 1250 1255
Quando Têmis, filha da Terra, foi despejada do divino sítio divinatório, Terra noturna gerou visões de sonhos que diziam a muitos mortais o antes, o depois e o porvir no sono nos leitos trevosos, Terra tirou assim o ofício de vaticínios de Apolo por recusa da filha. O rei a rápido passo foi ao Olimpo, deu abraço filial ao trono de Zeus, que tire da casa pítia a ira de Deusa Terra, Zeus riu porque o filho veio rápido querendo manter os auríferos cultos. Brandiu a crina cessando vozes noturnas,	ANT. 1260 1265 1270 1275

retirou dos mortais a verdade vista à noite,
 reverteu o ofício a Lóxias e a coragem 1280
 aos mortais em populoso hospitaleiro
 trono mediante cantos divinatórios.

[ÊXODO (1284-1499)]

MENSAGEIRO:

Ó vigia-templo e servos de altares,
 Toas, o rei desta terra, onde está? 1285
 Abertas as sólidas portas, chamai
 fora de casa o soberano desta terra.

CORO:

Que há, se devo falar sem convite?

MENSAGEIRO:

Foram-se os dois jovens a caminho
 por decisão da filha de Agamêmnon 1290
 em fuga desta terra, com o venerável
 ícone no regaço de um navio grego.

CORO:

É incrível o que dizes. O rei da terra,
 que desejas ver, saiu do templo e foi.

MENSAGEIRO:

Aonde? Ele tem que saber dos fatos. 1295

CORO:

Ignoramos, mas anda e procura-o
 onde o encontres e faça o anúncio!

MENSAGEIRO:

Vede que incrível gênero feminino!
 Vós também tendes parte nos fatos.

CORO:

Deliras? Que temos com a fuga deles? 1300
 Não irás o mais rápido às portas reais?

MENSAGEIRO:

Não, antes que o intérprete diga isto,
 se está dentro ou não o rei desta terra.
 Oé! Soltai trincos, digo aos de dentro,
 dizei ao senhor do palácio que à porta 1305
 estou portador do fardo de más novas!

TOAS:

Quem ante o templo da Deusa grita,
a golpear a porta e perturbar dentro?

MENSAGEIRO:

Elas mentiam que te foste e de casa
me afastavam, mas estavas em casa!

1310

TOAS:

Que lucro esperavam, ou caçavam?

MENSAGEIRO:

Delas falo depois. Ouve o que mais
importa! A jovem que aqui presidia
os altares, Ifigênia, se foi deste solo
com os forasteiros, com o venerável
ícone da Deusa. Purificação era dolo.

1315

TOAS:

Que dizes? Que sopro teve da sorte?

MENSAGEIRO:

Para salvar Orestes. Isso admirarás.

TOAS:

Quem? O que a Tindárida gerou?

MENSAGEIRO:

O que a Deusa sagrou a este altar.

1320

TOAS:

Ó milagre! Que nome mais te dar?

MENSAGEIRO:

Não penses nisso, mas ouve-me,
examina e escuta claro, e planeja
operação de caça aos forasteiros!

TOAS:

Diz! Tens razão, não curta viagem
fazem até escaparem de meu navio.

1325

MENSAGEIRO:

Quando fomos às falésias marinhas,
onde Orestes aportava navio oculto
a nós, que tu envias com as algemas
dos forasteiros, a filha de Agamêmnon
acenou-nos sairmos, como sacrificando
secreta chama e purificação procurada,
ela ia atrás dos forasteiros com algemas

1330

nas mãos. Ainda que isso fosse suspeito, agradava, porém, a teus servos, senhor. 1335
 Por tempo que nos parecesse fazer algo, alarideou, e cantava bárbaras melodias, fazendo magia, como lavando sangue.
 Quando estávamos sentados há tempo, ocorreu-nos que soltos os forasteiros 1340
 não a matassem, e se fossem em fuga. Por pavor de ver o indevido, calamos, mas por fim todos dizíamos que fôssemos aonde estavam, ainda que sem licença.
 Ali mesmo vemos casco de nave grega 1345
 provido de asas com as pás de remos, e cinquenta marinheiros nas cavilhas com os remos, e livres das algemas os jovens de pé sobre a popa da nave.
 Tinham a proa com varas, penduravam 1350
 âncora no gancho, e traziam às pressas escadas de cordas nas mãos, e dando-as ao mar, lançavam da popa à forasteira.
 Nós, sem contemplação, quando vimos doloso artifício, retínhamos a forasteira 1355
 e os cabos da popa, e com o dirigente timão detínhamos a nave de bela popa.
 As falas foram: “Por que transportais “furtivos desta terra o ícone e a serva?
 “Quem és tu, que a exportas da terra?” 1360
 Disse: “Orestes, seu irmão, para saberes, “filho de Agamêmnon, levo comigo “minha irmã, que perdi fora de casa.”
 Mas, nada menos, tínhamos a forasteira, 1365
 e forçávamos que ela seguisse até ti.
 Daí, terríveis golpes foram no queixo, pois eles não tinham ferro nas mãos, nem nós, os punhos davam pancadas e os pés de ambos os rapazes juntos golpeavam costelas e ainda o fígado, 1370
 de modo a fazer doer e tolher braços.
 Nós, assim lacrados por terríveis lacres,

fugimos à escarpa, uns com sangrentas
lesões na cabeça, e outros, nos olhos;
Postos nas escarpas, com mais cautela, 1375
combatíamos e arremessávamos pedras.
Mas impediam-nos arqueiros, na popa,
com setas, de modo a repelir-nos mais.
Entretanto, terrível onda trouxe a nave
para terra, a moça temia molhar o pé, 1380
Orestes tomou-a no ombro esquerdo,
entrou no mar e subiu pelas escadas,
e pôs no navio de bons bancos a irmã
e o ícone celestial da filha de Zeus.
No meio da nave, uma voz anunciou: 1385
“Ó navegadora tropa da terra grega,
“pegai o remo e fazei alvegadas vagas,
“pois temos tudo por que navegamos
“por mar inóspito entre Simplégades.”
Eles, a rugirem um suave gemido, 1390
golpeavam o mar. A nave, enquanto
no porto, procedia, mas, transposta
ao encontro da forte onda, resistia,
pois terrível súbito vento sobrevindo
impele velas para popa, e persistiam 1395
na luta com a onda, e refluxo trouxe
o navio de volta à terra. Orou de pé
a Agamemnônida: “Ó filha de Leto,
“salva da terra bárbara para Grécia
“leva-me tua serva, e perdoa o furto! 1400
“Também tu amas o irmão, ó Deusa,
“crê que também eu amo os irmãos!”
À prece da moça, os marinheiros
entoaram peã, sem mantos, ombros
adequados ao remo sob comando. 1405
Mais e mais o barco ia para pedras,
e alguém se precipitou a pé ao mar,
e outro pendurava corredeiras laços.
A ti eu fui enviado direto para cá,
para te reportar, rei, as sortes de lá. 1410
Ide, com grilhões e laços à mão!

- Se o mar estiver sem vento, não terão
esperança de salvação os forasteiros.
O soberano do mar olha por Ílion,
venerável Posídon, contra Pelópidas, 1415
e parece que agora a ti e aos cidadãos
dará pôr as mãos no Agamemnônida
e na irmã. Ela, sem lembrar a morte
em Áulida, é pega ao trair a Deusa.
- CORO:
Ó mísera Ifigênia, com o irmão 1420
morrerás de volta às mãos do rei.
- TOAS:
Todos vós, nativos desta terra bárbara,
ide, ponde as rédeas nos corcéis,
correi à beira-mar, resisti à saída
do navio grego, e com a Deusa 1525
caçai depressa os ímpios varões!
Lançai vós ao mar céleres remos,
para, por mar e por terra, a cavalo,
prendê-los, e arremessar de abrupto 1430
penhasco, ou empalar com estaca.
A vós, cientes dos planos, mulheres,
quando tivermos tempo, outra vez,
puniremos; agora, com a presente
pressa não permaneceremos calmos.
- ATENA:
Aonde levas essa perseguição, rei 1435
Toas? Ouve as palavras de Atena.
Cessa de caçar e mover o exército.
Determinado pelo oráculo de Lóxias,
Orestes veio aqui, fugindo da cólera
de Erínies, para enviar a irmã a Argos 1440
e levar a sacra estátua à minha terra,
refrigério das dores hoje presentes. 1411 b
Para ti, esta nossa palavra, pensas
matar Orestes, pego na onda marinha;
já Posídon, graças a mim, faz calmo
dorso do mar transportar o navio. 1445
Sabe, Orestes, a minha mensagem,

pois, ausente, ouves a voz da Deusa, vai, com o ídolo e com a tua irmã! Quando em Atenas, morada divina, há um lugar, nos confins da Ática,	1450
nos montes, perto do cabo Caristo, sacro, que o meu povo chama Alas. Aí ergue o templo e assenta o ícone, com nome da terra Táurida e das dores que sofreste, circulando pela Grécia, ferroado por Erínies. No porvir, Ártemis os mortais celebrarão a Deusa Táurida.	1455
Faz isto lei: quando o povo festejar em paga de tua degola, imponha-se faca a garganta viril, e jorre sangue, por licitude, e a Deusa tenha honras!	1460
Tu, Ifigênia, nos veneráveis prados de Bráuron, deves custodiar Deusa, onde morta terás tumba, e te farão oferta de veus, bem urdidos tecidos, que mulheres em partos mortíferos deixaram em casa. Insto que estas mulheres gregas resgates da terra, por justa sentença. Já te preservei preferindo votos iguais no Areópago, ó Orestes; e assim será instituído que vence quem tem votos iguais.	1465
Vamos, envia desta terra tua irmã, Agamemnônida. Toas, não te ires!	1470
TOAS:	
Rainha Atena, as palavras dos Deuses quem ouvir incrédulo não pensa bem. Não terei ira se Orestes foi e levou o ícone da Deusa e a irmã. Por quê? Lutar contra os fortes Deuses é belo?	1475
Vão à tua terra com estátua da Deusa! Assente-se com boa sorte a imagem! Enviarei ainda à Grécia de bom Nume estas mulheres, como insta tua ordem.	1480
Cessarei lança erguida aos forasteiros e remos navais, como queres, Deusa.	1485

ATENA:

Louvo. Vence o dever a ti e aos Deuses.
Ide, ó ventos, levai o Agamemnônida
a Atenas! Eu acompanharei o percurso,
salvando o ícone augusto de minha irmã.

CORO:

Ide, vós que sois por boa sorte
com bons Numes de salva parte! 1490

Ó venerável entre imortais
e entre mortais Palas Atena,
faremos assim como ordenas!

Acabo de escutar anúncio
muito grato e inesperado. 1495

Ó grande augusta Vitória,
residas em minha vida
e não cesses de coroar!

Recebido em: 29/10/2015. Aceito em: 31/10/2015.